Ano XXV — Lisboa, Janeiro de 1969 — N.º 285

SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista · Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino F. Macedo

Director-Adjunto
Joel Ribeiro

Redactor
Mariano Garcia

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telefs.: Red. 63 66 07 — Adm. 63 88 49 • Comp. e Imp.: Livraria Cruz — Braga

NO LIMIAR DE UMA NOVA ERA

O ano de 1969 — o Ano Novo — inicia-se em momento tão importante da história, que lhe consigna interesse fora do comum. É que os últimos dias de 1968 assinalaram um marco miliário na vida do Homem. Este conseguiu um feito verdadeiramente excepcional libertando-se da Terra e gravitando algumas horas em volta da Lua, só ali não pousando por elementar prudência. Mas porque a Lua se revelou de pouco valor para a insaciável curiosidade humana, tentam-se já os primeiros passos para investigar outro planeta, na esperança de que Vénus possa proporcionar mais aliciante interesse.

Se o acontecimento é por si próprio de extraordinária importância, o impacto que ele exerce no progresso científico do mundo é verdadeiramente transcendente. Precisamos de recordar que para alcançar este êxito foi necessário mobilizar formidáveis recursos materiais e humanos, empregando na investigação somas astronómicas, o que permitiu resolver problemas da maior magnitude, alargar o conhecimento científico, efectuar descobertas invulgares, conseguir novos metais e obter novos carburantes. Todos esses conhecimentos estão sendo agora aplicados em diversos campos de actividade, especialmente na indústria, rasgando novos horizontes e singulares perspectivas à vida do homem.

Mas não é sòmente pela astronáutica que o progresso humano se tem acentuado. Todas as ciências se encontram em desenvolvimento, como que em cadeia. A electrónica é a ciência do século. O futuro da humanidade está definitivamente ligado aos surpreedentes êxitos por esta obtidos. A cirurgia conseguiu também resultados invulgares na salvaguarda da vida humana. A técnica das transplantações entrou no uso definitivo e está alcançando resultados inacreditáveis. A conjugação de todos estes factos permite-nos afirmar sem rebuço que nos encontramos realmente no limiar de uma excepcional época da história.

Se analisarmos a vida económica, social e política dos nossos dias, verificamos que também nestes campos se estão processando mutações invulgares. Enquanto as nações realizam convénios e se agrupam para maiores realizações, por toda a parte os povos se agitam, acordando de sono milenário e, afastado o torpor, entregam-se a movimentos convulsivos procurando mudar a face do mundo. As grandes nações, que ainda há pouco pareciam dominar os acontecimentos, vêem-se agora forçadas a ceder perante forças que não conseguem controlar. Estamos de facto perante o parturejar de uma nova era, que irá decisivamente transformar as es-

Continua na pág. 7

Após um ano, outro ano...

Mais um ano se encerrou no caminhar ininterrupto do Tempo.

Ao indiferente encolher de ombros de uns, replicam outros com um corajoso olhar sobre o que ficou para trás, análise consciente do bom e mau que foi executado ou mesmo do que nem chegou a sê-lo. Os resultados colhidos, a experiência adquirida, permitirão planear no futuro com mais firmeza e maior confiança.

É assim em muitas empresas, famílias, clubes, etc.

Esperemos que assim seja também nos meios escotistas do nosso País.

Entretanto, se nos dispusermos a uma análise ainda que ligeira do que foi o ano escotista de 1968 nos meios associativos da A. E. P., de

Continua na pág. 6

«SEMPRE PRONTO» NO 24.º ANIVERSÁRIO

Um dia segue a outro dia e um ano segue a outro ano. Verdade comezinha, mas cujo profundo significado nos escapa frequentemente, mergulhados, como estamos, na luta do dia a dia.

Assim, a vida passa ou, melhor, evoluciona. Este escoar de tempo devia-nos colocar naquela posição de vigilância activa que nos poupasse a assistir, alheados, à dissipação de um capital tão valioso — o tempo.

Sempre Pronto também acaba de assistir ao findar de mais um ano de vida — o 24.º — e assiste ao acontecimento com aquela sensação de ter cumprido o dever que lhe competia, mas, contudo, sem motivos para expressar manifestações eufóricas.

E porquê? Qual será o motivo por que *Sempre Pronto* não levou a cabo, em 1968, uma acção mais profícua e que nos desse agora maiores motivos de satisfação?

As respostas a estas interrogações levar-nos-iam a fastidiosas considerações que já nada nos aproveitariam, a não ser como lição para o futuro.

Porém, há uma razão forte que impõe necessàriamente um limite à acção deste jornal. É, sem dúvida, o condicionalismo da actividade escotista no nosso País. Sem um Escotismo fremente de vida não é possível fazer transparecer, nestas páginas, a imagem expressiva a que o escotismo na nossa terra está em débito. Nestes factores residem, por isso, os motivos do claudicar da marcha deste jornal.

No entanto, algo se conseguiu construir no ano que passou. Uma das facetas da nossa acção — e a que ninguém, com certeza, fará qualquer reticência quanto ao interesse para o nosso movimento — é a atenção que temos dedicado aos problemas relacionados com a educação da gente moça, como atestam os trabalhos que, ao longo do ano, os dedicados colaboradores publicaram nas nossas edições, trabalhos de tanto maior interesse quanto mais se incentivam os sucessos em que está patente a crise da juventude actual.

Concluiu-se, no ano transacto,

Continua na pág. 4

ESTRANHO PROCEDIMENTO

Frequentemente encontramos na nossa mesa de trabalho, trazidos pelo correio, escritos de membros do Corpo Nacional de Escutas que, por conterem inexactidões, somos forçados a rebater. A assiduidade com que isto está a acontecer poderá levar um leitor desprevenido a julgar que estamos em oposição àquela associação irmã, o que não corresponde à realidade. Temos a maior simpatia pela obra empreendida pelo C. N. E. e contamos entre os seus membros muitos amigos e até colaboradores, que muito estimamos. De resto, a missão de «Sempre Pronto» é pugnar pelo Escotismo sem quaisquer barreiras. Por isso não recusamos trazer a estas colunas notícia dos mais importantes factos relacionados com o C. N. E., quando deles temos conhecimento oportuno.

Mas se vêm a público escritos menos correctos ou menos exactos, a missão da Imprensa é esclarecer. Faríamos o mesmo se os autores fossem membros dos Escoteiros de Portugal.

Vêm estas considerações a propósito da secção «Escutismo» do jornal a «Voz da Madeira». Em 10 de Dezembro passado, transcrevia-se aí uma local que publicámos sob o título «A eficiência dos Correios Portugueses — Um facto narrado por Baden-Powell». E, embora tenha sido aproveitada na íntegra a nossa prosa, não foi feita qualquer referência à origem. Isso, porém, não tem importância. Ao lado desta transcrição publicava-se uma nótula, inspirada também em «Sempre Pronto», sob o título: «O Professor Marcello Caetano foi escuteiro», em que, modificando os dados colhidos neste jornal, se diz:

«Na hora em que se comemora entre nós o *40.º Aniversário do Escutismo*, vem a propósito lembrar que entre as grandes figuras que *tendo passado pelas fileiras do* C. N. E. as honram sobremaneira, conta-se o actual Presidente do Conselho Professor Marcello Caetano, que também vestiu na sua mocidade *a farda de escuteiro do* C. N. E.

«Mais tarde, *convidado pela Junta Central do C. N. E. em Lisboa*, proferiu na capital notável conferência sobre Escotismo...»

Os destacados são nossos. Estamos então comemorando o 40.º aniversário da fundação do Escotismo? Esta afirmação tem, aliás, sido repetida noutras publicações. O Escotismo tem em Portugal mais de 55 anos.O que se comemora neste momento é o 40.º aniversário da fundação do C. N. E. E merece a pena destacar este facto, porque o Senhor Prof. Marcello Caetano envergou a farda escoteira numa época em que o Escotismo em Portugal era um único movimento, não podendo, portanto, ter feito parte do C. N. E.

É muito estranho que o colaborador escuta da «Voz da Madeira» tenha lido a notícia publicada em «Sempre Pronto» e tenha trocado os dados colhidos para *puxar a brasa à sua sardinha*. Parece-nos que tal procedimento será principalmente desagradável para os dirigentes da sua associação, que serão os primeiros a reprovar semelhantes processos.

E já agora, a título de esclarecimento da local publicada na mesma secção em 26 de Novembro passado, devemos dizer que quando Baden-Powell visitou o Escotismo na ilha da Madeira já possuía a Comenda da Ordem Militar de Cristo com que foi distinguido pelo Governo Português em 17 de Abril de 1919 — em data que não existia o C. N. E. — e, portanto, *não foi mais tarde* que lhe foi conferida tal distinção.



A 5.ª Conferência Escotista Europeia

A 5.ª Conferência Escotista Europeia reuniu-se em Zollikofen, perto de Berna, na Suíça, de 27 a 29 de Setembro p. p.

Estiveram presentes, nessa importante reunião, 81 delegados de 22 países membros da Conferência e observadores. A Conferência foi ainda honrada com a presença de Henry Bourreau, do Conselho Mundial do Escotismo, de *Lady* Baden-Powell, chefe mundial das Guias e vice-presidente de honra do Escotismo Mundial, a qual se encontrava acompanhada de sua neta, *Lady* Patience Baden-Powell; de *Mme.* Bugnion-Secrétan, do Conselho Mundial das Guias; de Werner-Barblan, da Fraternal Internacional de Antigos Escoteiros e Guias; e do secretário-geral da Secretaria Mundial do Escotismo, Doutor Laszlo Nagy, que pronunciou um importante discurso.

Foram inúmeros os problemas debatidos durante esta reunião, tendo sido dividida em Grupos de Discussão, que, no final, apresentaram os seus relatórios, bem como os três *sous-comités* que foram formados.

Um problema que foi posto durante a Conferência, foi definido nos seguintes termos: *Temos hesitado em dar a conhecer a nossa participação no Escotismo?* Esta questão mereceu de todos uma negação formal. Cada qual se sentia orgulhoso da sua condição de escoteiro, embora se reconhecesse que, para certas pessoas, o escotismo é uma coisa bizarra e fora de moda. Porém, se o público fosse mais bem informado do que é o escotismo, compreendê-lo-ia melhor.

Depois de um discurso de *Lady* Olave Baden-Powell, foi sugerido dar maior expansão às actividades conjuntas de escoteiros e guias, para o que se chamou a atenção dos responsáveis para as vantagens que daí adviriam como também para os problemas que seria necessário resolver. Os estudos efectuados, foram objecto de um relatório da Comissão de Coeducação e das Actividades Conjuntas com as Guias.

Foi ainda abordado o problema da necessidade de um secretariado permanente, levantado na Conferência de 1966, e a forma como o mesmo fora resolvido com a escolha para secretário-geral do senhor Hugues de Rham, de Lausana, e com a montagem dos serviços do secretariado em dependências da Escola Vinet, naquela cidade.

Outro assunto que mereceu atenção foi o facto do Conselho Executivo Europeu ter obtido a qualificação de membro consultivo do Conselho Mundial do Escotismo, o que dá ao seu presidente o direito de participar nas reuniões do Conselho Mundial e de representar aí os interesses do escotismo europeu.

Estudaram-se também os problemas relacionados com o escotismo nos países do Leste europeu.

Uma das questões que suscitou maior discussão foi a necessidade de entendimento entre os países europeus, a fim de se realizar consultas mútuas acerca dos objectivos que se pretendam alcançar, aquando das reuniões do Conselho Mundial. Foram inúmeros os oradores que usaram da palavra para abordar os problemas que esta questão pode levantar.

Apresentados o Relatório Financeiro Bienal e o Orçamento para os dois próximos anos, foram os mesmos aprovados.

Um dos pontos mais importantes da reunião foi a discussão dos novos Estatutos da Conferência Escotista Europeia. O novo texto, posto à discussão, foi aprovado por unanimidade, depois de ligeiras emendas que foram propostas.

Procedeu-se, então, à eleição do novo Conselho Executivo, que ficou com a seguinte constituição: para um mandato de quatro anos: *sir* Bernard Chaksfield (Grã-Bretanha), Edouard Duvigneaud (Bélgica) Hartmut Keyler (Alemanha). Para um mandato de dois anos: A. Erik Ende (Suécia), Dr. Jan W. M. Rademaker (Holanda) e Dr. Hans Rudolf Sterchi (Suíça). O Conselho será presidido, até 1970, por Erik Ende. O vice-presidente será *sir* Bernard Chacksfield.

Nesta oportunidade, foram homenageados Dominique François, Robin Gold e Jochen Zander, que se retiram das suas funções no Conselho Executivo, pelo interesse manifestado no desempenho dos seus lugares.

Um outro problema discutido, e que foi considerado como vital para o escotismo, é a necessidade de se incentivarem as comunicações pessoais, a todos os níveis, entre os escoteiros. Foi deliberado apelar para todas as organizações nacionais a fim de que estabeleçam um intercâmbio eficaz e dêem toda a importância à manutenção de comunicações pessoais entre todos os escoteiros.

No aspecto da formação escotista, lembrou-se o interesse de fazer uso de todas as experiências não escotistas, das descobertas e das investigações pedagógicas.

Uma das resoluções mais importantes, foi a escolha de 1972 para o Ano Europeu da Fraternidade Escotista, iniciativa a que o Conselho Executivo vai dar uma especial atenção. O Secretário-Geral europeu lembrou também que 1970 será o Ano Europeu da Protecção da Natureza, empreendimento a que o escotismo deve oferecer o maior interesse. Nesta iniciativa, procurar-se-á lutar contra a poluição e desenvolver as reservas naturais.

A terminar a reunião, foi aceita a proposta da Áustria para a realização naquele país da 6.ª Conferência Europeia, em 1970.

Escotismo e auto-crítica

O presente trabalho é de certa maneira uma exposição do desafio que Laszlo Nagy, secretário-geral da Repartição Mundial do Escotismo, lançou por ocasião da Conferência Europeia de Escotismo, realizada em Berna, Suíça, em Setembro de 1968, em que os Escoteiros de Portugal estiveram representados pelo Eng.º José Maria Nobre Santos.

Permiti-me que, primeiramente, expresse a minha muito grande alegria por estar em Berna, hoje, convosco, por ocasião da 5.ª Conferência Europeia de Escotismo que, espero, exercerá uma influência benéfica no Escotismo, não sòmente na Europa, mas no mundo inteiro. Estamos aqui para aproveitar ao máximo as possibilidades que oferece esta reunião. Digo bem, aproveitar, antes de tudo, gostaria de saber, gostaríamos de saber, conhecer os vossos problemas e encontrar em conjunto as melhores soluções no interesse daqueles para quem o Movimento foi criado, os rapazes, os jovens. Trata-se verdadeiramente de um desafio. Sei e estou seguro de que não o ignorais. Mas esta dificuldade não é senão um atractivo suplementar para nós e deve-nos incitar à reflexão e à acção, no verdadeiro espírito do Escotismo.

A despeito do meu lenço violeta (distintivo de dirigente da Repartição), falarei como simples indivíduo, um simples escoteiro, que deve toda a sua formação escoteira a esta Europa na qual, como todos sabemos, o Escotismo não segue pelo melhor. Devo falar do futuro e, para o fazer, é preciso que vos diga alguma coisa do passado, não por um apego demasiado à tradição, mas porque nenhuma renovação do Escotismo é concebível sem um regresso às origens Baden-Powellianas, muito prejudicadas por influências ideológicas, políticas e outras. Ora o Escotismo, na origem, não era nem uma ideologia nem um movimento, mas um método de educação, e mais precisamente de auto-educação. «*Ask the boy*», «interrogue, consulte o rapaz» foi um dos *leitmotivs* preferidos pelo nosso Fundador que, antes de escrever o seu livro sobre o Escotismo, antes de formular a sua teoria sobre a educação, antes de experimentar o seu método, queria ver na prática se a sua ideia era verdadeira ou falsa.

Já demonstrei que o Escotismo original sofreu inumeráveis mutações e, o que é mais triste, essas deformações têm muitas vezes sido apresentadas como se estivessem no espírito do Fundador, que não está já entre nós para protestar contra essa distorção do seu pensamento. Queria chamar a vossa atenção para o facto de que, se queremos fazer do movimento um Escotismo fiel às tradições Baden-Powellianas, é preciso voltar às fontes originais, não deformadas e puramente educativas do nosso movimento. Dito isto, não proponho evidentemente uma fidelidade às técnicas ultrapassadas, inadequadas e arcaicas, mas uma renovação fiel ao genial pensamento do nosso Fundador que não receava submeter o seu método à prova da experiência, com vista a modificá-lo, a melhorá-lo, a aperfeiçoá-lo.

Deverei dizer agora que o Escotismo está doente, fora de moda, ingènuamente idealista, inútil, um movimento que tem a estulta pretensão de resolver os grandes problemas com meios irrisórios? Não o creio. Penso simplesmente que a vida actual põe exigências aos jovens e que o Escotismo não tem ainda encontrado em cada sector a via que lhe permita responder às necessidades e às aspirações dos rapazes de hoje. Não encontrou ainda os novos caminhos que, respeitando o passado, o coloquem em posição de se adaptar às influências modernas. Será no entanto completamente deslocado falar de falência. Neste últimos vinte anos, o movimento duplicou simplesmente o seus efectivos. No entanto, os efectivos têm aumentado a um ritmo cada vez mais lento e não acompanham mesmo a evolução demográfica. Falo à escala mundial, mas o atraso de crescimento é ainda mais sensível na Europa. Se considerarmos os doze países onde a densidade da população escoteira é mais forte, quer dizer, a proporção de escoteiros em relação aos jovens, sete deles ainda se encontram na Europa. Mas a situação, na maior parte dos outros países europeus, em lugar de melhorar, vai de mal a pior; parece que o dinamismo do Escotismo abandonou o nosso continente. Encontrareis um Escotismo extremamente dinâmico com aumento dos efectivos nas Americas e em certos países do Extremo Oriente.

No momento em que Baden-Powell fundou o nosso movimento, e durante os anos seguintes, cem por cento dos efectivos escoteiros provinham da Europa. Hoje, marchamos para uma situação onde menos de 10 % dos efectivos provém da Europa. É triste, mas esta situação deve dar-nos força para aceitar o desafio e esta reunião é uma excelente oportunidade para tomar consciência disto e procurar os meios de remediar a situação. Convém também analisar o recrutamento e a composição social dos efectivos. Não é segredo para ninguém que na Europa, como aliás noutros continentes, mais de 8 % dos efectivos provêm dos meios burgueses e abastados, ou relativamente abastados. Há, além disso, zonas sociològicamente privilegiadas, como os centros urbanos onde o recrutamento se faz muito mais fàcilmente do que nas zonas rurais. Se se fizer uma caricatura da verdade, poder-se-á dizer que na Europa o Escotismo é levado àqueles que, entre os jovens, têm dele menos necessidade e não temos os meios, as possibilidades... a coragem de fazer conhecer o Escotismo por aqueles jovens que são os menos privilegiados e que dele têm mais necessidade.

Mas, nesta hora de auto-crítica, devo ainda falar de uma outra doença do Escotismo. É o envelhecimento geral dos seus efectivos. No tempo de Baden-Powell, todos os escoteiros eram recrutados nos grupos de idade para o qual o Escotismo tinha sido destinado. Mais tarde, criaram-se os lobitos de uma parte, e, de outra parte, os escoteiros ficaram no movimento como jovens chefes e mesmo como adultos. Esta situação tem por consequência que hoje sòmente um terço dos efectivos do mundo inteiro é recrutado no grupo de idade ao qual Baden-Powell destinou o Escotismo. No que se refere aos mais novos, isso não é grave porque há uma maturação mais rápida dos jovens, no mundo inteiro. Os programas que eram bons para os rapazes de 14 anos, há 20 ou 30 anos atrás, aplicam-se hoje a rapazes de 12 anos. Devemos ser fiéis não à técnica, mas ao espírito do Escotismo, fazer prova da imaginação, «*Ask the Boy*», mas naturalmente não lhe oferecer sòmente o que ele deseja, o que é sua aspiração, mas sobretudo aquilo de que tem necessidade, e é para isso que os adultos são necessários no nosso movimento.

O Escotismo não pode resolver todos os problemas dos jovens, mas é certamente um dos remédios possíveis porque desenvolve o carácter dos que amanhã serão responsáveis. Cada chefe escoteiro, cada escoteiro, consciente de suas responsabilidades, deve portanto guardar-se de contemplar o espectáculo doloroso dos seus contemporâneos como uma praga surpreendente e inexplicável, mas antes como um desafio ao qual o nosso movimento pode e deve levar uma resposta válida, ainda que seja nos estreitos limites das nossas possibilidades.

Laszlo Nagy

A última carta de «Gilwell»

The Scouter, órgão da Associação de Escoteiros Britânica, publicou em Dezembro passado a última carta do Gilwell (The Gilwell Letter), de que tem sido autor o Chefe John Thurman, que, como noticiámos, vai deixar a chefia do famoso Parque onde tem a sede o conhecido Curso de Insígnia de Madeira.

A primeira carta foi publicada em Maio de 1945. Foram publicadas 331, tendo algumas sido escritas em diversas partes do mundo, como norte do Canadá, Austrália, deserto da África do Sul, etc., etc.

Nesta última carta, John Thurman evoca a sua chegada a Gilwell Park, num momento em que este não possuía nenhum dos edifícios e instalações que o tornam hoje um notável campo escoteiro. A sua então jovem esposa suportou a incomodidade de uma habitação que carecia de tudo, sem aquecimento, sem instalação de água quente, sobrado em estado deplorável, tectos em ruínas, etc. Durante três semanas a senhora teve de cozinhar ao ar livre, demais numa época em que o povo britânico esteve sujeito a rigoroso racionamento.

O Chefe de Gilwell Park evoca o esforço e trabalho que ele e uma equipa de voluntários teve de realizar para instalar modelarmente o Campo, os êxitos que o Curso obteve, as decepções e as alegrias, mas afirma: *Tenho muitas vezes pensado se me fosse dada oportunidade de começar tudo outra vez se eu aceitava, pergunta impossível de responder dada a minha presente idade, mas se eu tivesse a idade que tinha em 1945, então responderia afirmativamente.*

A obra realizada por John Thurman foi de facto prodigiosa. A influência dos cursos de Insígnia de Madeira sentiu-se em todas as associações escoteiras do mundo, onde os cursos nacionais se orientaram pelos esquemas daqueles. Dirigentes de toda a parte dirigiram-se também a Inglaterra para aí se especializarem. Portugal conta com diversos dirigentes com o Curso de Insígnia de Madeira tirado em Gilwell Park, e o Chefe Thurman dispensou sempre o maior interesse à formação de Chefes no nosso país, tendo mesmo em certa ocasião chegado a oferecer a sua presença num Curso que aqui se realizaria.

John Thurman bem merece as homenagens de todo o Movimento Escoteiro pela obra que promoveu, pela orientação dada aos Cursos Chefes que delinearam a orientação do Movimento em todo o mundo. O Escoteiro-Chefe Albano da Silva escreveu já uma sentida carta ao antigo Chefe de Campo de Gilwell Park, no qual faz largas referências ao Escotismo em Portugal e ao primeiro Curso aqui promovido sob a orientação do Dr. Tovar de Lemos, e termina por lhe afirmar o seu apreço pelo tão elevado esforço empreendido «ao qual se deve a preservação da unidade do espírito e do método» do Movimento.

Sempre Pronto junta também a sua homenagem ao chefe John Thurman, que não abandona o Movimento, mas irá servir noutro posto, onde uma vez mais irá afirmar a sua alta competência e dedicação.

«Sempre Pronto» no 24.º aniversário

Continuação da pág. 1

uma iniciativa deste jornal, que poderia ter despertado maior vontade de cooperação por parte dos escoteiros portugueses, se não fosse o letargo que, por vezes, ataca a vida das unidades escotistas. Referimo-nos ao Concurso de Encadernações, um empreendimento em que, mesmo assim, algumas patrulhas tiveram oportunidade de provar o espírito activo que as anima.

Demos a atenção que nos foi possível à transmissão de notícias do nosso movimento. Maior expansão temos sido impedidos de oferecer a esse sector da actividade deste jornal, porque muitos grupos de escoteiros ainda não reconheceram a vantagem de nomear um correspondente que nos faça chegar essas notícias. No entanto, conseguimos registar acontecimentos dignos de publicidade, como sejam o Jambori da Saudade, do Grupo do Dondo, e o XI Jambori no Ar, que, no ano findo, alcançou um índice de resultados dignos de nota alta. Outro noticiário dos Serviços Centrais, das Regiões, dos Núcleos e dos Grupos em geral, bem como dos acontecimentos mais relevantes do CNE, mereceram deste jornal o realce que nos pareceu justo. O mesmo aconteceu com a Fraternal dos Antigos Escoteiros, com quem mantemos as melhores relações.

Impõe-se, também, dar o devido relevo ao nível atingido pela nossa secção de Filatelia, cujo êxito se deve todo à proficiente acção do nosso estimado colaborador e irmão-escoteiro do CNE sr. Mendes Marques, exemplo de laborioso investigador da temática escotista desta actividade.

Também merece um apontamento a criação da secção «Opinião dos Leitores», aonde os nossos amigos podem dirigir os reparos, sugestões e comunicações que considerem de interesse. Pena é que não sejam em maior número e de procedências mais variadas os trabalhos recolhidos nesta secção.

O noticiário do estrangeiro igualmente teve, nas nossas colunas, o desenvolvimento que se nos afigurou de harmonia como interesse que pode suscitar entre os nossos leitores e com a expansão do jornal.

Vamos, pois, entrar no 25.º ano de publicação, uma extensão de vida que talvez parecesse pouco plausível à meia dúzia de boas vontades que, quase há um quarto de século, se lembrou de meter ombros a esta empresa. E um problema continua a tomar formas cada vez mais ameaçadoras: a imperiosa necessidade da renovação do quadro dos nossos colaboradores. O tempo é inexorável e não é lógico que se confie em que a reduzida plêiade de colaboradores efectivos possa indefinidamente continuar a sobraçar esta responsabilidade. É imperioso que os novos se decidam a vir dar a esta publicação o arejamento de que carece, antes que o estiolamento produza irremediável erosão no núcleo restrito de boas vontades com que continuamos a contar.

São estas as perspectivas, não muito optimistas, que se nos oferecem, mas a que não podemos virar costas, se quisermos manter a noção das realidades que nos cercam.

Antes de terminarmos, não queremos deixar de registar uma palavra de muita gratidão para com os nossos estimados e generosos colaboradores e assinantes, cuja amizade e espírito de sacrifício são, indubitàvelmente, os grandes — os únicos — esteios deste modesto jornal. Não fora esse admirável conjunto de abnegações e, há muito, este *Sempre Pronto* pertenceria ao grupo de recordações de que, em grande parte, vive o nosso movimento.

Que, durante o ano que começa, todos quantos temos encontrado ao nosso lado realizem os seus propósitos de felicidade, são os votos que, com a maior sinceridade, formulamos.

Dos amigos de «Sempre Pronto»

DE LUTO — Por falecimento de sua Tia, irmã do sempre recordado Professor Raul Dória, encontra-se de luto o nosso querido amigo e distinto colaborador, Senhor Professor António Álvaro Dória, a quem todos os que trabalham em «Sempre Pronto» apresentam as mais sentidas condolências.

Há Escoteiros em Portugal!

Teve a gentileza de nos escrever a agradecer as referências, aliás muito justas, que aqui fizemos no número de Novembro p. p. a dois trabalhos de sua autoria publicados na secção «Escotismo» do «Diário do Norte», o nosso estimado amigo Chefe Escuta sr. Fernando Neves da Rocha, de Gondomar, que nos diz terem as referências feitas dado motivo a um salutar movimento de solidariedade, quer por parte de Escutas do C. N. E., quer «por parte de Escoteiros da irmã muito querida A. E. P.».

Ficamos muito satisfeitos por ter dado origem a tais actos de justiça, o que prova que tanto numa associação como noutra existem membros que se erguem acima de atitudes mesquinhas e dão provas de autêntica formação escoteira, que acabarão por traçar o único rumo compatível com os ideais escoteiros que animam os dois ramos do Movimento Escoteiro em Portugal.



HÁ 20 ANOS "SEMPRE PRONTO" PUBLICAVA:

Jornada de propaganda escotista

De há meses, a chefia do 60 alimentava a ideia de uma jornada de propaganda escotista nesta vila (*Vila Real de Santo António*) que, para mostrar a finalidade do escotismo e o entusiasmo que à sua volta reina em todo o Algarve, aqui trouxesse todos os Grupos da Região. Essa jornada efectuou-se, finalmente, em 19 de Dezembro (*1948*) e conseguiram-se plenamente os fins desejados.

O 60 e D. A. F. dirigiram-se às 9 horas para a estação do caminho de ferro. Dentro de momentos chegava o «correio» e com ele as delegações dos Grupos convidados que, talvez com um bocadito de sacrifício material, mas, com o entusiasmo e boa vontade de sempre, vinham prestar-nos a sua valiosa colaboração. O 6, o Grupo do momento, e a sua D. A. F. estavam presentes, quase completos. O 59 e o 77, lutando com mais dificuldades, representaram-se com menor efectivo.

Grupos formados, caixa rufando à frente, e eis-nos a caminho da sede. Cortando para a Avenida e passando frente à Câmara Municipal, em saudação à Bandeira, à qual chegámos dentro em pouco. Às 10 horas em ponto, saímos todos de passeio para os locais mais interessantes de Vila Real de Santo António. No farol, cujo chefe e empregados foram de grande amabilidade, revezaram-se os turnos para subir, a apreciar uma das bonitas paisagens do Algarve.

.....

Seguiu-se o almoço, próximo do farol, em terreno arborizado e limpo. O dia estava esplêndido, fresco, como é da época, mas sem frio excessivo.

Às 14 e 30, novamente o rufar das caixas se faz ouvir. Os Grupos desfilaram pelas ruas principais da terra até à Sociedade do Glória Futebol Clube, muito amàvelmente cedida pela sua Direcção.

Às 15 e 30, aproximadamente, as filiadas da D. A. F. local iniciaram a representação do episódio escotista «*Quero ser Escoteira*», número «fabricado» para a sessão e que estava destinado a obter mais... ou menos sucesso. Nervosas, pisando o palco pela primeira vez, as nossas «dafistas» desempenharam o melhor possível o seu papel, agradando e prendendo a atenção do público que enchia literalmente a sala.

.....

Depois, a finalizar a festa, teve lugar o Fogo do Conselho, simulado, por ser ainda dia e nos encontrarmos numa sala. O 6 e o 60 alternaram em canções escotistas alegres, joviais, traduzindo a boa disposição que em todos reinava.

Lobo Algarvio

Armando Lino

Este nosso estimado amigo, que foi dedicadíssimo Escoteiro-Chefe do Grupo n.º 53 e que, como noticiámos, esteve internado numa clínica hospitalar, encontra-se em sua casa desde vésperas do Natal e em boa convalescença. Fazemos votos pelo seu rápido e completo restabelecimento.

ASSOCIAÇÃO DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL

XI JAMBOREE NO AR

19/20 de Outubro de 1968

O XI JAMBORI NO AR

Notável a participação dos Grupos portugueses.

O insólito aconteceu em Benguela: duas garças pousaram numa das hastes da antena do emissor CR6HB, avariando-a e impedindo este posto de tomar parte mais efectiva neste JOTA!

Os relatórios sobre a actividade desenvolvida pelos nossos grupos de escoteiros, que continuam a chegar ao nosso poder, dão-nos a certeza de que, no ano que findou, foi realizado belo trabalho pelos nossos rapazes, trabalho tão digno de elogios que coloca o Escotismo Português num plano de evidência neste importante acontecimento escotista.

As notícias são realmente merecedoras de apreço.

Por exemplo, o Grupo 39, de Benguela (Angola), teve actuação ímpar, pois esteve *a bordo* de, nada menos, 4 postos! Isto só prova o interesse que este Grupo, sob a competente chefia do nosso amigo sr. António Augusto da Silva e Cunha, vem dedicando a esta actividade há já alguns anos.

O resumo do seu relatório é elucidativo. Assim, com o posto CR6IV, do distinto radiamador sr. Celso R. Faria, obteve os seguintes resultados: Agrupamentos do CNE 2, 8, 9, 10 e 120, de Lourenço Marques, os quais estavam a trabalhar em quatro postos diferentes; e Grupo 52, de Angra do Heroísmo (Açores). Isto no que diz respeito a grupos portugueses. Com o estrangeiro o *palmarès* foi diferente: na África: Springs, Paarl, Muizenberg, Mafeking, Durban, Cidade do Cabo e Johannesburg (União Sul-Africana); Lagos (Nigéria); Salisbúria (Rodésia); e Windhoek (Sudeste Africano). Europa: Hamina e Rihimaki (Finlândia); Dublin (Irlanda); Locarno e Genebra (Suíça); Bielefeld (Alemanha Ocidental); Ferrara (Itália) e Worcester (Inglaterra). Ásia: Ceilão. América do Norte: Deensland (Estados Unidos). Oceania: Red Cliff (Austrália).

Através do posto CR6FW, do dedicado radiamador sr. António de Sousa Pereira, os resultados também foram muito animadores. Com portugueses: Agrupamentos do CNE 246, em Nampula; 4 e 110, em Lourenço Marques; 6, em Matala; 4, em Monhuana, e com o Grupo do Dondo, da AEP, todos em Moçambique. No Continente: Grupo 91, no lugar de Farrapa (Cucujães) e Agrupamento 151 do CNE, em Coimbra. Outros contactos: África; Windhoek (Sudoeste Africano); Johannesburgo, Durban e Posermout (União Sul-Africana); e Lagos (Nigéria).



No Dondo, perto da Beira, em Moçambique, Guias e Escoteiros de Portugal, do grupo anexo à Lusalite, estão à escuta.

O posto CR6LB, da Delegação Distrital da Liga dos Amadores de Rádio de Angola, com os srs. Marques da Cruz e José Maria Cardoso a operar, conseguiu contactos com portugueses: em Moçambique, Agrupamentos 4, 8, 9 e 10 do CNE, em três postos de Lourenço Marques; Grupo 15, no Porto; e 91 no lugar de Farrapa (Cucujães). Estrangeiro: Amesterdão (Holanda) e Buenos Aires (Argentina). Uma avaria, que não foi possível reparar, impediu a obtenção de melhores resultados.

A bordo do CR6HB aconteceu algo de incrível: duas garças pousaram numa haste da antena, derrubando-a e destruindo-a quase por completo! Os escoteiros do 39 assistiram à cena, impotentes para a evitar. Este inesperado acontecimento não permitiu que, através deste posto, se conseguisse mais do que um contacto: com o 6.º Agrupamento do CNE, em Matala (Moçambique). O CR6HB é propriedade do distinto radiamador sr. José de Albuquerque Figueiredo.

É este o resumo dos resultados obtidos pelo Grupo 39, de Benguela. Merece os melhores encómios o trabalho dos nossos estimados camaradas de Benguela. Daqui vão os nossos parabéns.

O Grupo do Dondo (Moçambique) também alcançou um número interessante de contactos: com dois postos de Lourenço Marques, onde se encontravam diversos membros de um Agrupamento do CNE; e com Machava, onde estavam algumas das componentes da 11.ª Companhia de Guias. Isto quanto a Moçambique. Com Angola, contactaram com o Grupo 39, de Benguela, e com o Continente, com os Grupos 15 e 44, no Porto; e Grupo 43, do CNE, nas Pedras Rubras. Estrangeiro: Bulavaio (Rodésia); Pretória, Durban, Ledysmouth e mais dois postos de localidades não identificadas da União Sul-Africana. O Grupo do Dondo utilizou o emissor CR7IX, dê um amável radiamador daquela localidade, o sr. Dias Manso.

Pelas notícias que vimos fornecendo aos nossos leitores acerca desta iniciativa escotista à escala mundial, pode fazer-se uma ideia do que foi a actuação dos grupos de escoteiros portugueses, decerto a mais famosa de todos os anos.

Parabéns aos rapazes portugueses e aos organizadores desta bem escotista actividade.



Guias e Escoteiros de Benguela, Angola, do Grupo de Escoteiros de Portugal, estão atentos às chamadas do Jambori no Ar

REPARTIÇÃO MUNDIAL DE ESCOTISMO

Engenheiro Salvador Fernandez

Este nosso amigo e notável dirigente escoteiro, que no desempenho de importantes funções no Conselho Interamericano de Escotismo deu provas de alta competência e muita dedicação, que muito tem influído no desenvolvimento e melhor orientação de Escotismo na América Latina, acaba de ser chamado a desempenhar igualmente importantes funções na Repartição Mundial, que tem agora a sua sede em Genebra.

O Engenheiro Salvador Fernandez já se encontra no seu novo posto de trabalho, sendo de esperar importante acção em favor do Escotismo Mundial, graças à sua experiência e conhecimentos escoteiros. A Repartição Mundial está a preparar a sua equipa de trabalho para promover um mais intenso esforço de desenvolvimento e nova orientação, cujos resultados começam já a fazer-se sentir.

DE SINTRA

A Festa de Natal no Grupo N.º 93

Conforme anunciámos, o Grupo de Sintra reuniu na sua sede no Domingo, dia 22 de Dezembro, os membros da sua Direcção, chefes, escoteiros e lobitos para uma festa de confraternização, que decorreu animadamente.

Por amabilidade do antigo chefe Amílcar Fernandes, foram projectados alguns filmes escotistas, a que se seguiu um animado chá, servido gentilmente por diversas senhoras presentes e a distribuição de lembranças do Natal, nas casas dos respectivos beneficiados, a 26 necessitados de Sintra.

Esta «Boa Acção», como é da tradição, deve-se à generosidade do benemérito presidente da direcção do Grupo 93, nosso amigo sr. tenente Manoel de Mattos.



Nestes 24 anos de publicação de «Sempre Pronto» já algumas gerações de escoteiros passaram pelo Movimento, se considerarmos que cada rapaz se conserva no Grupo, como escoteiro, 4 a 6 anos em média. Outros rapazes continuarão a aderir ao Escotismo e é preciso alargar as nossas fileiras para que o nosso país possa aproveitar os benefícios deste tão útil sistema educativo. Na gravura, vê-se o Paulo José Moniz Silva Valentim, neto do nosso dedicado colaborador e amigo sr. Jacinto dos Reis Moniz Silva, de Angra do Heroísmo, símbolo da nova geração de «cavaleiros da lis». O Paulo José vai ser em breve um novo lobito do Grupo n.º 52 e interessa-se já pelo «Sempre Pronto». Aqui o vemos exibindo um exemplar do nosso jornal.

APÓS UM ANO, OUTRO ANO...

Continuação da pág. 1

modo algum poderemos considerar-nos satisfeitos.

Um mundo de coisas ficou por fazer!

Dos elementos de que dispomos respigamos: acentuado desenvolvimento no Ultramar (Angola e Moçambique), graças a espontâneas manifestações pessoais de entusiasmo e amor pelo Escotismo, rodeadas é certo pelo maior carinho e interesse da Direcção da A. E. P.; criação do núcleo B de Lisboa, no qual muitos confiavam e do qual se esperam ainda os primeiros resultados; dois ou três novos grupos na Metrópole, oficializando situações já existentes de anos anteriores, e perspectivas de criação de mais um ou dois, que substituirão em número outros tantos totalmente paralisados desde há algum tempo; participação no «jambori do ar», excelente organização a dever-se ao esforço de uma só pessoa e contribuição diminuta dos escoteiros, a tornar inconsequente e desnecessário esse mesmo esforço; acampamentos dos núcleos de Lisboa, que benèvolamente se classificarão de *suficiente*, a um dos quais se chamou «experiência» e que nos parece ter revelado muita... *inexperiência*; realização de um festival de natação, interessante e útil actividade, infelizmente limitada ao nível e à expansão de um só núcleo; organização de uma jornada cultural, talvez pretensiosamente intitulada «Jogos Florais», actividade ao nível do poder de realização de um só grupo (n.º 7), cujos resultados e benefícios são ainda totalmente desconhecidos.

Também ao nível dos grupos a actividade não foi brilhante, não obstante o acentuado desenvolvimento notado num ou noutro grupo, com relevo especial para o n.º 23 de Queluz; n.º 84 do Entroncamento; n.º 6 de Olhão e 39 de Benguela, que realizaram um ano francamente positivo.

A frequência do parque de escotismo da Caparica e da Quinta da Fonteireira diminuíram acentuadamente em relação a anos anteriores, índice evidente de falta de actividade regular em muitos grupos.

De actividades mais ou menos colectivas, a movimentar escoteiros de norte a sul de Portugal, a justificar correspondência nos Serviços Centrais, a proporcionar notícias do Escotismo para os jornais, nem uma.

Mesmo ressalvando qualquer falta de citação que lapsos de memória ou de informação oportuna tenham provocado, não nos parece ter sido animadora a actividade associativa de 1968, nem susceptível de criar a tão desejada atmosfera de propaganda e atracção para a Juventude portuguesa.

Sabemos que muito se trabalhou nos bastidores, mas é justo perguntar pelos resultados desse esforço, posto que tudo no Escotismo visa essencialmente o RAPAZ e esse parece ter sido o grande esquecido de 1968.

Dirão alguns que foi o ano da preparação, do planeamento, do estudo. Conhecemos ter sido um pouco assim, mas sem qualquer justificação para que as actividades se reduzissem a um mínimo que aos jovens parecerá ainda mais insignificante no seu irreverente desprezo pela organização e no desejo de topar constantemente com a aventura, acção, movimento.

Esperemos que o ano de 1969 nos traga o tal almejado desenvolvimento, aspiração sincera de muitos que ainda amam devotadamente o Escotismo, porque continuam a reconhecer nele virtudes indispensáveis à formação de carácter dos jovens da nossa Pátria.

Confiemos nos estudos feitos, nos planos traçados, na experiência e dedicação dos dirigentes e façamos votos para que o ano que agora começa possa trazer até aos nossos escoteiros aquilo que eles mais ansiosamente desejam encontrar — o ESCOTISMO.

Fundo de Financiamento Escotista e Edições «Escotismo»

O Fundo de Financiamento Escotista acaba de publicar o seu relatório e contas referente ao exercício de 1967.

Da sua leitura, infere-se que diminuiu o volume de vendas em relação a 1966, o que se explica por não se ter realizado o acampamento nacional. Este factor não impediu, contudo, que fossem incrementadas as aquisições, as quais excederam, embora ligeiramente, as vendas. As existências elevaram-se assim a Esc. 43 179$50, valor que leva em conta as desvalorizações de alguns artigos que se tornaram obsoletos.

O resultado do exercício apresenta um lucro de Esc. 1 507$80, que foi transferido para o exercício do ano seguinte.

No relatório, apela-se para o aumento dos financiamentos, mediante a subscrição de títulos de empréstimo a fazer, em especial, pelos grupos de escoteiros, o que permitiria alargar as existências de material e oferecê-los aos grupos em condições mais favoráveis.

Durante o ano, prosseguiu-se na publicação de «*O Nosso Cancioneiro*», de que se encontram editadas já 16 canções (letra e música). Um dos projectos para o futuro é a publicação de folhetos de propaganda escotista, destinados aos rapazes e às famílias.

DE MOÇAMBIQUE

GRANDE CONCURSO PROVINCIAL DE FOTOGRAFIA ESCOTISTA

promovido pelo Grupo de Escoteiros do Dondo

Constituiu assinalado êxito, o Grande Concurso Provincial de Fotografia Escotista, iniciativa do Grupo de Escoteiros do Dondo, em que participaram muitos concorrentes.

Os trabalhos, que foram muito apreciados pelo numeroso público que acorreu à sala onde foram expostos, tiveram as seguintes classificações:

Classificação Popular: *Técnica e Arte, Paisagem e Monumentos*: 1.º—José Crespo, do Agrupamento do CNE S. Jorge, da Beira; *Tema livre e Instantâneo*: Agrupamento n.º 121, do CNE, de Lourenço Marques.

Grande Concurso: *Técnica e Arte:* 1.º — Agrupamento n.º 21, de Lourenço Marques; 2.º — José Crespo; 3.º — Ismael Bandeira, de Lourenço Marques. *Paisagem e Monumentos:* 1.º — Manuel Rodrigues, do Grupo organizador; 2.º e 3.º — José Crespo, *Tema livre e Instantâneo:* 1.º — José Crespo; 2.º — Júlio Nelson Dinis; 3.º — Maria Eugénia Marques, todos do Agrupamento de S. Jorge (CNE), da Beira.

Na cerimónia de encerramento da exposição, estiveram presentes, além de numeroso público, diversas personalidades, entre as quais os srs. Alves Delgado, administrador do Concelho do Dondo; brigadeiro Remígio, comandante territorial do Centro; João Pereira da Silva, director da fábrica de cimento de Nova Maceira; e o sr. Maximiano B. Leiria, director técnico da Lusalite.

Os escoteiros do Dondo e os escutas do Agrupamento de S. Jorge, da Beira, também deram o seu concurso a esta cerimónia, imprimindo-lhe um cunho nìtidamente escotista.

Notícias diversas

Uma nova unidade da A. E. P. vai surgir em Cucujães (S. João da Madeira), graças a um considerável grupo de boas vontades.

O sr. Mário Vieira Dias será o primeiro chefe do novo grupo para o qual foi já reservado o número 18.

O chefe do núcleo de V. N. de Gaia, sr. Arnaldo Couto, tem tido papel de relevo na organização da nova unidade escotista.

★

Também em Loures se vislumbra para breve a criação de um novo grupo da A. E. P., graças ao entusiasmo e espírito de iniciativa do chefe Arlindo, ex-dirigente auxiliar do grupo n.º 44 de Vila Nova de Gaia, que recentemente fixou residência naquela vila da periferia de Lisboa.

O chefe Arlindo estabeleceu já diversos contactos com os dirigentes associativos e com alguns chefes de grupos de Lisboa.

★

O grupo n.º 45 de Horta, Faial (Açores) está em plena fase de reorganização, a que não é estranha a eficiente e dedicada colaboração do chefe Moniz Silva do grupo n.º 52 de Angra do Heroísmo, nosso estimado colaborador.

O actual chefe do grupo n.º 45 é o sr. Vítor Manuel Gonçalves Serpa Rosa.

★

O chefe do grupo n.º 24, recentemente criado no Funchal, sr. António Pestana, está prestando com interesse as provas preliminares para Chefe.

★

Em Angola, o entusiasmo pelo Escotismo está a crescer de dia para dia e a A. E. P. volta a prestar serviços àquela província portuguesa através do desenvolvimento dos grupos seus filiados. Só em Luanda devem ficar a funcionar este ano três ou quatro unidades escotistas, trabalho que se ficou a dever à presença na capital angolana do escoteiro-chefe-geral, sr. Comandante Tengarrinha Pires, e conta com o entusiasmo e dedicação de dirigentes escoteiros de metrópole agora ali radicados, entre os quais se conta o antigo escoteiro sr. Manuel de Bourbon e Noronha Amorim, que promete ainda levar o seu entusiasmo a outras cidades da Província. Em Benguela, o grupo n.º 39 continua o seu bom trabalho em prol do Movimento.

ESCOTISMO NA CAPITAL

Festa de Natal no Grupo n.º 2 dos Escoteiros de Portugal

Como já é tradicional, o 2.º Grupo realizou a sua festa de Natal no domingo, dia 29 de Dezembro, tendo distribuído por cerca de 80 necessitados e 40 crianças agasalhos, calçado, géneros, brinquedos e guloseimas, artigos que em grande parte recolheu de ofertas em consequência de um largo peditório feito em Lisboa.

Houve árvore de Natal, concurso de presépios e os escoteiros do Grupo apresentaram um bem elaborado programa de contos do Natal.

Depois desta festa, os antigos e actuais escoteiros tomaram parte numa reunião em que foi feita a distribuição dos prémios das actividades do ano, em que também participaram famílias dos escoteiros e amigos do Grupo.

CUMPRIMENTOS DE BOAS-FESTAS

a «Sempre Pronto»

Tiveram a gentileza de endereçar o seu cartão de boas festas a «Sempre Pronto», juntando palavras de muita simpatia dedicadas a todos os nossos colaboradores, os seguintes nossos amigos, a quem saudamos com amizade e agradecemos os votos formulados, que sinceramente retribuímos:

Senhores Luís Simões Aurélio, de Lisboa; António da Encarnação Amêndoa, de Alverca do Ribatejo; José de Jesus Ferreira, do Porto; Fernando Neves da Rocha, chefe do Agrupamento CCLXXVIII do C. N. E., de Gondomar; António Pacheco da Silva, de S. Mamede de Infesta; Luís Alves Miguel, da Costa da Caparica; E. C. Jacinto dos Reis Moniz Silva, Prof. Leopoldino da Rocha Tavares, de Angra do Heroísmo, José Luís Pinto Machado, do Porto: José D. Camacho, de Moçâmedes, Angola; Renualdo Galvão, do Rio de Janeiro; José Manuel Macedo, de Fall River, E. U. A.; António Pestana, do Funchal.

Do Círculo de Antigos Nadadores, do Conselho Mundial de Escotismo e Repartição Mundial de Escotismo, em Genebra, na Suíça; da Companhia Rainha Santa Isabel das Guias de Portugal, no Porto; da Junta Regional de Lisboa do Corpo Nacional de Escutas; do Serviço de Material e Uniformes dos Escoteiros de Portugal.

Do Comissário Internacional e Comissário Internacional Adjunto do Escotismo Português. Da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal.

E dos seguintes grupos de escoteiros n.ºs: 4, do Porto; Grupo 6, de Olhão; 12, de Oeiras: 15, do Porto: 23. de Oueluz; 60, de Vila Real de Santo António; Secção do 91 em Cucujães, Oliveira de Azeméis; Grupo do Dondo, Moçambique.

«Sempre Pronto»

A página ESCUTISMO do «Diário do Norte» teve a gentileza de se referir ao número de Novembro do nosso jornal, destacando o nosso editorial *A Rebelião Juvenil — Um problema de Integração.*

Agradecemos.

NO LIMIAR DE UMA NOVA ERA

Continuação da pág. 1

truturas do mundo em que vivemos. Seja qual for a opinião que alimentemos sobre a interpretação da história, temos de reconhecer que esta avança sempre para um objectivo que se afigura predestinado. Por mais que as forças do Mal pretendam impedir o progresso humano, este é irreversível, nada o pode deter.

É muito importante que reconheçamos a transcendência do momento que vivemos, para que nos possamos aperceber do seu significado. Quando Saulo de Tarso foi derrubado da montada ao percorrer a estrada de Damasco vociferando ameaças contra os cristãos e procurando travar o progresso da doutrina do Crucificado, escutou uma voz que o admoestava e dizia: *Saulo, Saulo! Duro te é recalcitrar contra o aguilhão!* Recalcitram contra o aguilhão todos aqueles que se opõem ao progresso do Homem e estultamente diligenciam estorvar o seu indefectível avanço. Tudo o que conseguem é aumentar as dores do parturejar, porque o mundo avança sempre e todas as forças se conjugam, mesmo as do Mal, para forçar o processo da História.

A juventude que tem a dita de por mais tempo poder assistir aos extraordinários acontecimentos desta nova era, deve ter plena consciência do momento que vive, para dele ser digna, sem se deixar transviar pelos desvarios que na sua órbita se manifestem. Perante tão surpreendentes realidades, devem os novos manter serenidade e preparar-se activamente para poderem estar à altura das exigências do novo mundo. Que todos saibamos distinguir entre as forças do Bem e do Mal, para que sempre alinhemos pelo Melhor não estorvando o Progresso.

Número 285

SEMPRE PRONTO

Janeiro de 1969

MENSÁRIO ESCOTISTA

Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

APOIAMOS...

APELO À REALIDADE

A página «ESCUTISMO» do «Diário do Norte» continua a distinguir-se pela coragem com que proclama doutrina escoteira da melhor, o que nos permitiu já exclamar que «Há Escoteiros em Portugal!». Em 27 de Dezembro publicou esta página novo artigo, agora assinado por *Tigre Veloz*, cuja doutrina apoiamos com entusiasmo. O Autor começou por fazer referência aos anseios e esperanças com que um rapazinho de doze anos ingressou no Escotismo. «Ele sabia que, onde quer que se encontrasse, desde a Europa à África, desde a Ásia às distantes Américas, onde houvesse alguém pertencente ao SEU movimento, haveria também certamente um amigo. Sonhava com um Mundo melhor, unificado pelos laços de amizade existentes entre os Escoteiros de todos os países do Mundo e também sonhava que, sem diferença de credo religioso, posição social ou raça, o 4.º artigo da Lei Escotista Universal — o ser amigo de todos e irmão dos demais Escoteiros — era praticado e sentido em todo o seu profundo mas real significado por todos os Escoteiros do Mundo».

Continuando a tecer considerações nesta linha de pensamento, *Tigre Veloz* diz a certa altura: — «Vejamos o que acontece à maioria dos jovens entusiastas do Movimento». E prossegue:

«Aos seus olhos, como talvez também agora aos olhos do rapazinho mencionado acima, os ideais de união e fraternidade, deixaram já de ser o que eram inicialmente, para simplesmente se transformarem num autêntico «bluff» ou pelo menos perderem grande parte do valor que para eles tinham.

«O problema é discutido por muitos dirigentes Escuteiros adultos, vai à mesa de conferência e, na verdade estes não podem deixar de notar hoje a ausência de algo muito especial existente no Escutismo dos tempos da sua mocidade. Creio, porém que o «porquê» desta ausência está bem à vista. A juventude de hoje tem tendência para levar mais a sério tudo aquilo que faz, tudo aquilo a que se dedica. E, — falando dos jovens pertencentes ao movimento — como poderá ela crer que o Escutismo é um movimento de fraternidade que contribui para a paz Universal, se adentro de fronteiras, em Portugal, se topa a cada passo com a maior desunião entre as organizações Escutistas Nacionais e que dizem fazer parte dum mesmo movimento; se os seus dirigentes (nos quais não se duvida da existência de boas intenções...) se dão ao trabalho de reconstruir velhas barreiras — já quase por vezes totalmente destruídas — reavivando nos jovens *de quem têm a cargo a formação cívica*, velhas rivalidades e esquecendo que elas só vão pôr em contradição os ideais de união e fraternidade apregoados. Compreender-se-ão, por exemplo, as rivalidades insanas existentes entre duas organizações congéneres com o mesmo fim, com o mesmo rumo e com os mesmos métodos como o são, no nosso País, Corpo Nacional de Escutas e a Associação dos Escuteiros de Portugal? Essas rivalidades são muitas vezes encobertas e passam muitas vezes desapercebidas ao público — de quem depende em parte, e nunca se o esqueça, a boa e correcta forma de fazer ou de apresentar o Escutismo pois a ele o Escutismo tem que estar pelo menos parcialmente condicionado. Porém, meditemos, será essa a forma correcta da resolucão de um problema há tanto pendente? Não. Certamente que não.

«Muito pouco compreensível é também, a preocupação que muitos dirigentes têm ou parecem ter, em observar *Propagandeando*, as falhas de um ou outro grupo por vezes de associação diferente. É certo que, todos os que se dedicam à causa Escutista, têm o dever de lutar contra a maneira errada como por vezes o Escutismo é praticado, originando assim o desprestígio do Movimento. Porém, fácil é de ver que não é comentando que ele deixa de existir, que ele deixa de seguir o mau rumo que segue e neste caso vejamos se ninguém cai do pedestal em que se colocou quando prometeu «auxiliar o próximo em todas as circunstâncias» sem diferença de credo, posição social ou raça.

«Vejamos as aspirações de todos os Escutas ou Escoteiros, Akelás ou Guias e entre elas encontraremos o desejo comum da existência do melhor Escutismo, Escotismo ou Guidismo.

«Eles sabem que o movimento foi muito principalmente, criado para eles, jovens de idade. Eles sabem também que muito esforço foi feito e continua a ser feito por uma grande parte dos seus incansáveis dirigentes adultos por uma melhor orientacão das suas organizacões. Porém, trabalhar não basta. É necessário ter um objectivo definido e comum se realmente se serve a causa da Juventude.

«E, àqueles que não sendo já jovens de idade, o são de espírito e que continuam a procurar dar, honesta e sinceramente o seu melhor pelo Escutismo sem outro objectivo senão o de servir é lançado... aqui pelos mais novos, o apelo ao entendimento, à compreensão. Procurai compreender-vos a vós para em seguida vos compreenderdes uns aos outros.

«Notemos que somos o único país do mundo, cuias organizações Escotistas não estão constituídas numa Federacão Nacional, limitando-se a ter um pequeno e quase apenas representativo secretariado.

«Eles, os jovens, Escoteiros, Escutas e Guias, querem e têm necessidade de actividades que englobem três associações. Guias de Portugal, Corpo Nacional de Escutas e Escoteiros de Portugal. Eles querem viver verdadeiramente o Scouting de B. P. ainda que adaptado aos tempos de hoje.

«Talvez a chave do problema do nosso País seja realmente esta — *União e compreensão*.

«Certamente que, se os Dirigentes a quem é de direito, forem pràticamente, ao encontro dessa união e compreensão dar-se-á então um grande passo na senda do Bom Escotismo e não apenas na nossa unidade, não apenas no nosso núcleo ou região, não apenas também na nossa associação mas no nosso País».

Nada há a acrescentar ao que *Tigre Veloz* afirma. Está certo. E estamos convencidos de que este apelo, e outros que se continuarão a fazer, acabará por conquistar muitos adeptos e abrir o rumo para uma nova era do Escotismo Português.

ANTIGOS ESCOTEIROS 1950

A 9.ª Assembleia-Geral da Fraternal Internacional vai realizar-se em 1970 na Austrália

O Conselho da «International Fellowship of Former Scouts and Guides» aceitou o convite da Austrália para organizar a 9.ª Assembleia-Geral, a realizar em 1971 ou, talvez, 1972, segundo foi anunciado em Bruxelas pela Secretária-Geral Sr.ª D. P. Cornil. Será a primeira reunião da «Fellowship» a efectuar fora do continente europeu.

Portugal tinha feito, em princípio, o convite para que esta conferência internacional reunisse no nosso país, convite que foi aprovado, preterindo a oferta da Austrália, cuja aceitação ficava dependente da confirmação de Portugal. Como se encontraram dificuldades na realização deste acontecimento, a Direcção da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal retirou o convite, motivo por que foi agora escolhida a Austrália.

Almoço de confraternização

Em complemento das cerimónias comemorativas do Dia da Independência, conforme noticiámos, os antigos escoteiros reuniram-se no tradicional almoço de confraternização, que se realizou num restaurante da Capital.

A frequência àquele ágape foi consideràvelmente prejudicada pelo violento temporal que desabou sobre a cidade. Mesmo assim, pudemos registar a presença dos seguintes companheiros e famílias: Humberto Martins e esposa, rev. Eduardo Moreira, esposa e cunhada, Manuel Sá Viana, Wolfgang Karl, Luís Tovar de Lemos, Justino da Silva, esposa e filho, Eugénio Ribeiro Nunes e esposa, António Xavier de Brito, Dionísio dos Santos, esposa e filhas, António Pinto e esposa, Mariano Garcia, esposa e filha, João Pereira Soares, Armando Inácio, Levi Lobato, Eduardo Xavier, Domingos de Sousa e esposa, Luís António dos Santos e esposa, António Bento, esposa e filha. Esteve igualmente presente o dirigente brasileiro Cláudio Tadeu de Sousa, que acompanhava o companheiro Justino da Silva.

No final, falou o presidente da Fraternal, sr. Humberto Martins, para agradecer a todos os presentes, referindo-se ao significado da data que se comemorava e exortando os chefes escoteiros a orientarem os seus rapazes no recto caminho do dever, da honra e do amor à Pátria.

O presidente da Fraternal relatou depois a visita que a Direcção fizera ao Sr. Presidente do Conselho, sócio fundador n.º 5, sublinhando a simpatia com que aquele ilustre membro do Governo a todos recebera e a forma como se referira ao Escotismo, tendo recordado momentos da sua passagem pelo Movimento.

Falaram ainda os companheiros reverendo Eduardo Moreira e Luís Tovar de Lemos, escutados com o habitual acolhimento.